

# Apresentação

## *Presentation*

---

### Intersecções entre ciência e filosofia

O *I Colóquio Emoções: intersecções em filosofia moral e política*, evento que deu origem a este dossiê, foi o primeiro no Brasil dedicado inteiramente ao estudo das emoções e do seu papel dentro dos debates atuais em ciência e filosofia. As emoções estão presentes em todos os aspectos significativos da vida humana. Contudo, natureza, as causas e as consequências ainda estão entre as características menos compreendidas pela academia. Nesse sentido, o evento inaugurou um prolífico debate sobre o tema, aproximando os principais pesquisadores brasileiros interessados na sua investigação.

Organizado em conjunto pelo Núcleo de Ética e Filosofia Política (Nefipo), Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGFIL/UFSC), Grupo de Pesquisa Contratualismo Moral e Político (CNPq/UFRRJ) e PNPD/Capes, com apoio do corpo editorial da revista *Conjectura*, do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS), o evento teve como objetivo principal promover um debate entre filosofia e ciência acerca das emoções, proporcionando um fórum para a troca de pontos de vista, de modo a aumentar a interação e colaboração entre os acadêmicos e avançar na compreensão do tema.

Nas últimas décadas, surgiu um interesse significativamente maior no estudo das emoções por pesquisadores de diferentes campos. Tal interesse interdisciplinar e interação são cruciais à sua compreensão. Nesse sentido, faz-se necessária a existência de espaços para discussões mais intensas entre esses teóricos, especialmente sobre as questões de cunho filosófico que permeiam a grande área do estudo das emoções. Apesar do crescente interesse científico no assunto, ainda é escasso o diálogo entre os resultados empíricos e suas implicações nas ciências humanas e sociais.

Reações emocionais estão inseridas na vida humana, tanto sob o aspecto mental quanto social. Como irrupções geológicas em uma paisagem, deixam sua marca de maneira que sobrepujam a vontade dos indivíduos. Elas seriam simplesmente reações inatas, antecedendo a qualquer deliberação

complexa do entendimento? Ou estariam impregnadas com inteligência e discernimento e, portanto, submetidas a uma maior consciência?

Inúmeros filósofos se dedicaram ao estudo das emoções desde Platão e Aristóteles, passando por Spinoza e Descartes, até moralistas britânicos como Hume, Bentham, entre outros. Todos esses filósofos tinham teorias das emoções, concebidas como respostas a certos eventos de interesse para um sujeito. Suas investigações abrangeram desde mudanças fisiológicas até a função das emoções como motivadoras de comportamentos sociais. No que tange ao assunto em questão, um dos sintomas da falta de interlocução entre ciência e filosofia é exatamente isto: essas teorias têm sido muitas vezes negligenciadas por grande parte dos pesquisadores do século XX.

Desde a década de 50 do séc. XX, no entanto, alguns teóricos vêm realizando o que Ben-Ze'ev chama de “uma cuidadosa pesquisa de padrões gerais na selva primitiva de emoções”. (2000, p. 65). Nussbaum (2001), por exemplo, apresenta um argumento poderoso para o tratamento de emoções, entendendo-as como respostas altamente significativas para com o que é de valor e importância ao sujeito. Ela explora a estrutura de ampla gama de emoções, defendendo que não pode haver nenhuma teoria ética adequada, sem que também haja uma teoria apropriada das emoções. Portanto, o ponto central está na compreensão das fontes dos processos emocionais, na história e nos mecanismos, às vezes imprevisíveis e desordenados, que permeiam a vida diária de inúmeras espécies.

Com as crescentes descobertas sobre as emoções advindas das ciências cognitivas, foram filósofos, em particular os vinculados a uma visão experimental nas discussões de metaética, que, no século XXI, trouxeram à filosofia um renovado interesse sobre o tema. Considerando que esse intercâmbio entre pesquisadores de listras diferentes tem se mostrado cada vez mais frutífero, torna-se necessário abandonar formas isoladas de investigar os processos emocionais. Assim, buscar intersecções entre filosofia, psicologia, neurociência, etologia e biologia evolutiva emerge como o caminho mais sólido para uma maior compreensão desse fenômeno. Embora seja quase impossível fazer justiça a todas essas abordagens, o propósito deste dossiê é o de apresentar alguns desses estudos, tendo como objetivo expandir sua compreensão dentro das esferas filosófica e científica.

Conforme esta breve introdução procura mostrar, as emoções são um fenômeno sutil e altamente complexo, cuja explicação requer uma análise cuidadosa e sistemática de suas múltiplas características e componentes. Assim como a filosofia e a ciência, o senso comum não apresenta um consenso na definição do que é uma emoção. Ainda que raiva, vergonha e culpa, por exemplo, sejam comumente compreendidas como emoções,

sensações como a solidão ou as experiências estéticas da arte, não encontram a mesma unanimidade conceitual.

Pode-se dizer que o uso das emoções, frequentemente, refere-se a situações que não estão necessariamente relacionadas, de fato, a estados emocionais, sendo meras expressões coloquiais. Percebe-se que há diversas expressões, em diferentes idiomas, para definir as emoções. Por exemplo, existem culturas que distinguem ciúme e inveja, enquanto no português, por exemplo, não existe uma palavra especial para dizer *Schadenfreude* – a saber, “prazer com a desgraça dos outros”. Desse modo, um simples olhar voltado à diversidade linguística sobre como as emoções são chamadas já aponta à dificuldade de compreender tal fenômeno.

Pesquisadores de diferentes áreas também têm discutido acerca do lugar das emoções na topografia da mente. A sua relação com os estados corporais, seu papel na motivação de comportamentos e formação de crenças são tópicos recorrentes dentro desses debates. Na medida em que a psicologia cognitiva discute a estrutura intencional, ou não, das emoções, a filosofia tem enfatizado intersecções entre processos emocionais, juízos proposicionais e teorias da percepção. Contudo, diversas abordagens postulam diferentes ontologias das emoções, sendo um ponto central de controvérsia a pergunta pela definição do que é uma emoção.

Problematizações de cunho normativo também perpassam o tema, com teorias cognitivistas e não cognitivistas, buscando explicar as implicações das emoções na racionalidade. Essas discussões se fazem presentes ao longo de toda a história da filosofia. No século XVII, estudos de fisiologia impulsionaram teorias mecanicistas acerca das emoções. Por exemplo, Descartes (1984, p. 35) definiu as paixões como “percepções, sentimentos, paixões da alma, que estão particularmente relacionadas a ela, e que são causas, que fortalecem qualquer movimento do espírito”. O autor defendeu a existência de uma mecânica corporal das emoções, constituída a partir de movimentos corporais.

Investigações filosóficas têm sido demarcadamente inclinadas à investigação das capacidades racionais dos seres humanos. Nesse sentido, os estoicos asseguravam que a filosofia, compreendida como um exercício de deliberação racional, tinha como objetivo propiciar às pessoas que superassem os efeitos prejudiciais das emoções. Contudo, moralistas britânicos do século XVIII, em especial Hume, resgataram o papel das emoções no comportamento moral de seres humanos. A proposta do teórico escocês se dirigiu à capacidade que os afetos têm de terem motivadores de comportamentos de aprovação e censura para com ações socialmente relevantes.

Essas investigações filosóficas ganham eco em pesquisas contemporâneas nas áreas de diversas ciências. No nível fisiológico, as emoções têm sido compreendidas como neurotransmissores de atividades somáticas e autônomas. Dessa forma, estariam associadas a descargas diretas do sistema nervoso, desencadeando adrenalina e alterando tanto o ritmo cardíaco quanto a circulação e a pressão sanguíneas. Sob o aspecto das ciências naturais, uma emoção consiste em uma resposta instintiva a situações específicas. Por exemplo, a raiva é uma resposta emocional associada ao perigo, emergindo como uma resposta inata à necessidade de confrontar uma ameaça, seja ela física, social, seja moral. Este último aspecto se relaciona diretamente com questões tradicionalmente filosóficas, como o papel que afetos e razão desempenham no fenômeno moral.

Todavia, apesar das diferenças entre essas abordagens, é importante notar que o foco recorrentemente converge à análise das intersecções entre cognição e emoção. Em outras palavras, pode-se dizer que a investigação filosófica acerca da relação entre afetos e razão tem sido o centro da questão nos últimos anos. Partindo de certa suspensão de juízo com relação à ideia de que a razão constitui a única fonte de conhecimento e apreensão do mundo, o debate acerca dos componentes cognitivos e da função das emoções ganhou relevância, desde a metaética e filosofia política até teorias da percepção e epistemologia.

Contudo, ao invés de levantar bandeiras sobre questões acerca da importância ou supremacia entre razão e emoção, as intervenções mais frutíferas sobre o tema se dirigem a uma definição conceitual dos processos e mecanismos cognitivos e emocionais. Esse aspecto é representado no retorno à retórica aristotélica e na compreensão da sua relevância atual para diferentes áreas do conhecimento. Isso se deve ao fato de que, diferentemente de tantas outras teorias, sua retórica não apresenta uma divisão radical entre emoções e razão. Entretanto, mesmo em teses que não possuem base aristotélica, a busca não é meramente por uma teoria visionária para explicar a relação entre emoções e razão como inerentemente não hostis. Na verdade, a ênfase está na possibilidade de compreender os componentes cognitivos e não cognitivos dos processos emocionais.

De um lado, tem-se hipóteses que abarcam uma visão de que as emoções consistem em julgamentos avaliativos de diferentes tipos – por exemplo, moral ou estético. Nesses casos, a cognição não necessita ser compreendida apenas como um componente que envolve uma noção complexa de juízo. Essa linha de entendimento dos processos emocionais os têm analisado em termos de apreensões imediatas, tendo recentemente ganhado maior representatividade do que a sugestão de que processos avaliativos pautados por emoções requerem deliberações cognitivas complexas. Contudo, há

posições que reivindicam que, ao menos, algumas emoções são constituídas por tais deliberações. Por exemplo, o ciúme seria definido em termos das ponderações sobre as inadequações, forças e fraquezas de um indivíduo em relação ao seu rival.

Em verdade, a expressão das emoções é um componente intrínseco à vida social. Descartes (1984) já havia salientado que, pelo fato de todos os humanos sentirem emoções, não seria necessário olhar em outro lugar para compreender sua natureza. Contudo, a despeito de sua aparente familiaridade, elas compõem um tópico extremamente sutil e complexo. Possivelmente, parte dessa complexidade se dê pela dificuldade de obter medidas quantitativas precisas do fenômeno emocional. Nesse sentido, outro desafio, ao se realizar estudos dessa natureza, consiste na tentativa de organizar o conhecimento advindo do senso comum em uma estrutura conceitual organizada. A grande diversidade das emoções e sua influência na vida tornam essa construção bastante delicada.

Algumas questões atualmente estudadas sobre as emoções envolvem relações acerca de sua fenomenologia, perspectivas psicobiológicas sobre sua influência acerca de juízos estéticos e morais, investigação sobre seu papel na política – em particular nas discussões sobre liberalismo e conservadorismo –, estudos acerca de sua influência em processos decisórios e na conduta social de inúmeras espécies.

Este dossiê apresentará artigos que confrontam algumas destas questões, consolidando as apresentações, os debates e as colaborações realizadas durante o colóquio. Esperamos que este seja o primeiro de muitos encontros sobre o estudo das emoções, um campo cujo valor de importância acadêmica cresce exponencialmente tanto na filosofia quanto em outros campos do conhecimento.

Caroline Marin  
Matheus de Mesquita Silveira

---

## Referências

- BEN ZE'EV, Aaron. *The subtlety of emotions*. Massachusetts: MIT Press, 2000.
- DESCARTES, R. The passions of the soul. In: COTTINGHAM, J.; STOOOTHOFF, R.; MURDOCH, D. (Trans.). *The philosophical writings of Descartes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- NUSSBAUM, Martha. *Upheavals of thought: the intelligence of emotions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.